



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Aeroporto Internacional José Martí, em Cuba, antes do embarque para o Brasil

Havana-Cuba, 31 de outubro de 2008

Presidente: Primeiro, é sempre gratificante encontrar com o companheiro, sabe. Convivo com o Fidel desde 1985 e fui visitá-lo, eu e o presidente Raúl Castro, e conversamos por uma hora e meia. Não é bem uma visita a uma pessoa que está enferma, porque no Brasil, quando visitamos alguém que está doente, a visita dura 15 minutos. O problema de visitar Fidel é que ele quer discutir todos os assuntos. Discutimos muito a crise, discutimos muito a América Latina, discutimos muito a América do Sul, e eu acho que ele está, de cabeça, extraordinário, tão lúcido como sempre esteve, e foi muito importante.

Eu até disse ao Fidel que quando eu cheguei para visitá-lo, eu o achei abatido, e depois de meia hora de conversa parecia que era eu que estava doente e ele que estava bem. De forma que a nossa visita a Cuba foi muito importante, nós temos projetos importantes e de interesse de Cuba, que o Brasil tem interesse de concluir o mais rápido possível. Acho que nunca estivemos tão próximos de construir esses projetos conjuntos.

O Brasil trabalha fortemente com a idéia de que, na hora em que houver o fim do bloqueio americano a Cuba, Cuba pode ter um potencial de desenvolvimento extraordinário. O Brasil quer ser solidário e quer ser participativo nesse desenvolvimento, por isso saio daqui satisfeito e agradecido pelo bom tratamento do povo cubano e do Fidel. Ao mesmo tempo saio decepcionado porque eu pensei que ia almoçar em Bodeguita del Medio. Todo mundo foi almoçar em Bodeguita del Medio, e por causa de duas horas de conversa não pude comer em Bodeguita del Medio. E a minha assessoria, que só lembra de mim quando eu estou presente, não se lembrou de pegar pelo



menos uma marmitex e levar para eu comer no avião. De forma que eu vou ter que voltar a Cuba para ir comer em Bodeguita del Medio.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Eu acho que as medidas do Banco Central foram corretas. Veja, na medida em que tem uma crise financeira e você precisa fazer uma irrigação no crédito em um país, e o governo federal disponibiliza o compulsório para que os bancos façam a irrigação e eles não querem fazer, o Banco Central tem que tomar as medidas que tomou. É importante que as pessoas entendam que a responsabilidade para garantir o bem-estar do povo brasileiro não é apenas do governo federal, é de todos aqueles que têm responsabilidade no Brasil.

Nós temos que pensar, nesse momento, nas pessoas mais humildes, nos trabalhadores, nas pessoas que vivem de salário, que vivem de pequenos negócios e que precisam ter crédito para continuarem os seus negócios. Não é justo, portanto, que alguns poucos se dêem ao luxo de receberem aporte financeiro da União e não repassem para a população, para o micro e o pequeno empresário. Portanto, o Banco Central agiu corretamente (inaudível).

Veja, a nós não interessa quem deu a ordem, interessa que é uma decisão de governo. Eu tenho conversado com o Guido e com o Meirelles todo santo dia, de manhã, de tarde e de noite. Hoje já liguei para o Guido, já liguei para o Meirelles. Agora, no avião, vou ligar para o Guido, vou ligar para o Meirelles, porque nós temos que fazer um acompanhamento, eu diria, quase cirúrgico da crise, para saber quais os momentos que nós temos que fazer as intervenções que temos que fazer.

O que eu quero são duas coisas: primeiro, nós fizemos um sacrifício enorme para que o Brasil atingisse um padrão de desenvolvimento que pudesse favorecer o povo brasileiro. O povo brasileiro estava vivendo um momento extraordinário, crescendo o emprego. Somente de janeiro a setembro



foram 2 milhões e 97 mil empregos de carteira profissional assinada. Não é justo que uma crise financeira que não tem nada a ver conosco, que não foi causada por nós, venha a impedir que o povo brasileiro, que durante tanto tempo fez sacrifício, possa continuar vivendo bem e melhorando a sua vida.

Portanto, nós vamos acompanhar e tomar todas as medidas para garantir que o Brasil continue crescendo e por isso eu tenho conversado muito com o Banco Central, com o ministro da Fazenda, para que a gente se coloque de acordo com as medidas a serem tomadas e para que a gente não perca tempo, porque é quase como uma operação cirúrgica: em cada tomada de medida nós não podemos perder tempo.

Jornalista: Vai ter novas medidas, Presidente?

Presidente: Depende de como reage a cada momento. Se a situação estiver tranqüila, não precisa de novas medidas. Ontem a Câmara aprovou o Fundo Soberano. Eu tenho certeza de que a Câmara e o Senado vão aprovar as medidas que nós mandamos para o Congresso Nacional. O dado objetivo é que nós queremos que a economia brasileira continue crescendo, e para que a economia brasileira continue crescendo, não pode faltar crédito. Nós queremos que as pessoas continuem comprando mais comida, mais roupa, carro, geladeira, televisão, computador e para isso nós precisamos de crédito, e temos dinheiro. Portanto, não há nenhuma razão para que as pessoas coloquem o dinheiro embaixo do colchão e não (inaudível) o crédito brasileiro.

Jornalista: O ministro (inaudível) disse que tem o apoio do senhor para derrubar o parecer da AGU sobre a questão da anistia.

Presidente: Deixe-me chegar ao Brasil para ver como está essa discussão, porque obviamente que eu farei tudo para que a gente tenha a melhor posição



possível. Quando eu chegar ao Brasil, na segunda-feira, vou conversar com a AGU, vou conversar com o Paulo Vannuchi e vou ver o que é possível fazer para evitar qualquer transtorno.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu não posso falar o que o Fidel falou sobre a crise, porque não é habitual que um presidente faça comentário sobre a fala do outro. O Raúl Castro está aqui, ele pode falar o que disse o Fidel sobre a crise. Não cabe a mim comentar o que disse o presidente Fidel. O que eu posso dizer para vocês é que há 100% de concordância de que a responsabilidade maior é dos países ricos, que têm que resolver uma crise que eles criaram. A especulação não se deu na África, não se deu na América Latina. Ela se deu exatamente nos Estados Unidos e, conseqüentemente, na União Européia. Portanto, os países ricos não podem permitir que, por sua responsabilidade, os países pobres paguem mais uma vez a conta, até porque não usufruímos dela quando eles ganharam dinheiro.

Jornalista: Presidente, (inaudível) hoje o Fidel pode voltar a público, voltar a (inaudível) as pessoas, para a vida política (inaudível)

Presidente: Aí não sou eu que tenho que dizer também. O que eu posso te dizer é que se depender da cabeça política, ele está tão bom e tão preparado como estava antes.

Jornalista: (inaudível) entre os dois países?

Presidente: Nós sempre tivemos uma boa relação. Eu pessoalmente, o meu partido com o Partido Comunista Cubano e o meu governo com o governo



cubano, e queremos manter e aprimorar cada vez mais essa relação. Ao companheiro cubano, que perguntou o que eu acho da visita a Cuba, primeiro, eu saio daqui mais feliz do que nunca, porque há muito tempo eu trabalhava a possibilidade de um acordo da Petrobras para fazer prospecção de petróleo em Cuba.

Eu não sou geólogo, mas fico olhando o mapa do mundo e fico olhando o mapa do Golfo, seja do lado mexicano ou do lado americano, e eu fico imaginando: não é possível que Cuba seja o único país azarado, que tenha petróleo dos dois lados, e não tenha do lado cubano. Então, eu acho que a Petrobras, com a sua tecnologia, fazendo os estudos necessários, eu tenho esperança de que a Petrobras ache petróleo em Cuba, o que seria extraordinário. E eu estou esperando esse acordo já faz uns quatro anos, e finalmente ele sai.

Outra coisa importante foi o escritório da Apex. No fundo, no fundo, é um espaço em que nós queremos trazer empresários brasileiros para conhecer Cuba, para que façam investimentos em Cuba, e queremos até produzir algumas coisas em Cuba que possam ser exportadas para o Brasil, para que haja um equilíbrio na balança comercial entre os dois países.

A terceira coisa é o carinho dedicado por Raúl à nossa delegação e a conversa que eu tive com o Fidel. De forma que eu saio daqui satisfeito, na expectativa de que receba o presidente Raúl Castro, em dezembro, para a reunião América Latina e Caribe na Bahia, no dia 17. É a primeira vez que América Latina e Caribe vão se reunir sem a tutela de nenhum país rico, ou seja, somos nós discutindo os nossos problemas e encontrando soluções para os nossos problemas.

No mais, muito obrigado e bom regresso.

Jornalista: Presidente, o senhor pedirá a ele o fim do embargo a Cuba?



Presidente: Primeiro, eu espero que ele tome a decisão. Se não tomar, eu acho que pode se criar uma nova perspectiva de negociação, até porque eu tenho dito ao presidente Bush, e vou dizer a quem ganhar as eleições, que é preciso que se tenha uma outra visão da política americana para a América Latina e Caribe. Ou seja, é preciso que se tenha uma visão de solidariedade, de desenvolvimento.

Acabou a Guerra Fria. Aqui no nosso continente ninguém está querendo mais chegar ao poder pela luta armada, as pessoas aprenderam a conquistar coisas disputando eleições. É só ver o que aconteceu na Bolívia, ver o que aconteceu no Paraguai, o que aconteceu no Equador, o que aconteceu no Brasil, o que aconteceu na Argentina.

Então, eu penso que eles têm que olhar a América Latina não como Terceiro Mundo, mas como um parceiro para construir coisas juntos neste continente. Eu penso que os americanos terão que ter uma nova visão sobre a América Latina, não pode mais ser aquela visão intervencionista. Não temos mais a Guerra Fria, portanto todos nós aqui estamos consolidando os processos de participação da sociedade, e eu espero que a gente tenha boa sorte.

(\$31EGJLQ)